
**ZOLA E AS PERCEPÇÕES DO TEMPO: NATURALISMO E HISTÓRIA EM
GERMINAL¹**

**ZOLA Y LAS PERCEPCIONES DEL TIEMPO: NATURALISMO E HISTORIA EN
GERMINAL**

**ZOLA AND THE PERCEPTIONS OF TIME: NATURALISM AND HISTORY IN
GERMINAL**

DOI: <http://dx.doi.org/10.9771/gmed.v11i2.33576>

Raick de Jesus Souza²

“O que é o tempo?”. Um fenômeno natural ou um construto cultural? Compreender o que é o tempo e seu funcionamento parece animar diversos intelectuais, nos mais variados cantos do globo ao longo de centenas de milhares de anos. O livro do professor Rilton Ferreira Borges compreende como Émile Zola representou a experiência do tempo em *Germinal* (1885), tendo como pano de fundo as percepções de mudança do tempo, causadas, sobretudo, pela Segunda Revolução Industrial na Europa durante a segunda metade do século XIX.

Rilton Ferreira Borges atua como professor de História na rede municipal de ensino em São Paulo, tendo graduando-se em História no ano de 2009 pela Pontifícia Universidade Católica – PUC/SP; tornou-se Mestre em História pela UNIFESP, obtendo título em 2014; atualmente é aluno do Programa de Pós-graduação em História Social da PUC/SP. A obra, *Zola e as percepções do tempo: Naturalismo e História em Germinal* é a primeira de sua carreira, sendo fruto de sua dissertação de Mestrado.

O trabalho em questão é um dos primeiros entre nós a tratar abertamente das “temporalidades históricas” e suas diversas forças de percepção e de representação. Na Introdução o autor apresentou os diversos estímulos que o levaram à delimitação de seu objeto de investigação, especialmente no que diz respeito ao ingresso na discussão sobre a relação entre História e Literatura e as representações da passagem do tempo em *Germinal*. Borges em sua digressão intelectual preliminar, mostrou enorme erudição no que diz respeito ao debate sobre a “percepção do tempo” a partir das narrativas de historiadores, físicos, filósofos e literatos, ou seja, cientistas e intelectuais. Um dos argumentos centrais utilizados na justificativa de seu objeto de pesquisa é demonstrar que “[...] ao longo da história, o tempo passou de inferido da natureza, para parâmetro do estudo da própria

natureza” (BORGES, 2018, p. 17), como percebido anteriormente pelo também historiador Norbert Elias (1998).

Uma das premissas iniciais demonstrada em seu estudo é de que, durante o século XIX, sobretudo na Europa, assistiu-se à fragmentação do tempo, o alienamento geral a hora/trabalho e a própria “aceleração” da passagem temporal. Os diversos instrumentos que surgiram ou se popularizaram durante esse mesmo período, tais como o gravador, o relógio, a máquina fotográfica, o cinema, entre outras ferramentas, tiveram também um papel importante nas redefinições com relação à concepção de passado, presente e futuro.

A escolha de *Germinal* explica-se, de acordo com o próprio autor, por três principais fatores: mesmo que o tempo não seja o objeto central, a partir do estudo do cotidiano dos trabalhadores, estão subsumidas diversas formas de percepção do tempo, que eram experimentadas pelos franceses de fins do século XIX; o espaço central da obra é a mina, com sua característica de hibridez, ou seja, conservava traços do mundo “pré-industrial” e “industrial”, além de poder ser vista também como intermediária entre o meio rural e o espaço urbano; por fim, a expressão de forma “natural” do tempo, uma vez que, esse não era o compromisso do literato, dessa forma, não havia o projeto de problematização do tempo, de suas diversas expressividades e de suas respectivas transformações.

No primeiro capítulo, intitulado *O problema historiográfico da Literatura*, Borges referiu-se preliminarmente a uma questão que tem mobilizado o campo da História nos últimos anos, especialmente no que diz respeito ao papel da área e da utilização de metodologias a serem adotadas pelos historiadores, sendo: o que diferencia a produção historiográfica da produção literária? Com relação a seu objeto, o autor argumentou que, Zola tinha entre seus objetivos elevar a sua literatura a um carácter semelhante ao da ciência, utilizando largamente do vocabulário desta última. Dito isso, o pesquisador é levado a questionar também, até que ponto o literato que assume o compromisso de representar o real se diferencia do historiador? Ou, ainda, até que ponto o historiador também não é um ficcionista? Para tal discussão Borges tomou por base o debate intelectual moderno em suas expressões contraditórias envolvendo Hayden White (1991; 1995) e Roger Chartier (1990; 1991; 1994; 1999; 2000; 2010).

Na perspectiva de White, não é possível compreender a História sem o estudo da linguagem e do discurso, uma vez que, é a linguagem e não o acontecimento em si que fornecessem aos historiadores os recursos necessários para o desenvolvimento de seus trabalhos. Além disso, ainda de acordo com White, os próprios historiadores necessitam da linguagem para comunicar os seus “resultados”, valendo-se dos recursos discursivos oriundos da tradição literária. Dessa forma, Borges considera que, para White o discurso histórico e o discurso literário “[...] são diferentes apenas na perspectiva em que o primeiro se preocuparia mais com o “real”, ao passo que o segundo poderia lançar mão de maior criatividade” (BORGES, 2018, p. 41). A esse pensamento, opõe-se o de Roger Chartier, para quem, o discurso histórico é sempre narrativo, sendo que, “[...] não haveria contradição entre prova e retórica, o que não retiraria da história o seu carácter científico” (BORGES, 2018, p. 44). De acordo com Borges, se para White, a História só poderia ser lida, para Chartier ela é, antes de

tudo, vivida. Além desses historiadores, assoma-se as contribuições de Carlos Ginzburg, Quentin Skinner, Michel de Certeau, Pierre Vilar, Paul Ricoeur, Pierre Bourdieu, Anatol Rosenfeld, Erich Auerbach e Michael Foucault. O objetivo é demonstrar como esses diferentes autores encararam o problema da utilização da literatura na produção historiográfica e como os mesmos problematizaram as diferenciações entre historiografia e literatura. Ainda em torno dessa discussão, Borges analisou também a materialidade do texto, um tema que interessa tanto historiadores como também críticos literários, literatos e leitores. Segundo Borges, no estudo sobre a materialidade do texto, tendo por base as considerações feitas por Chartier, existem duas dimensões em seu estudo: a “platônica” e a “pragmática”, onde, a primeira confere ao texto uma realidade externa – proveniente da intenção do autor –, enquanto a segunda compreende o texto a partir das diversas experiências relacionadas ao mesmo – produção, usos, circulação, apropriação, desvios e adaptações. Dentro desta última perspectiva, destaca-se a posição assumida por Robert Darnton (2008; 2010), que diferencia “criação” e “produção”, estando a primeira associada a prática do autor e a última associada as transformações editoriais: ações dos editores, das gráficas, dos distribuidores e dos leitores. Com relação a este último ponto, Borges chamou atenção para as conclusões a que chegou Chartier de que, “[...] as ressignificações mediante os diferentes públicos acabam escapando à ordem inicial da produção do texto” (BORGES, 2018, p. 64).

Dado esse debate em torno das diferenciações entre História e Literatura, emerge um novo questionamento: até que ponto a literatura pode nos informar do real? Somente a partir dessa compreensão é que a literatura ficcional poderia ser utilizada como fonte histórica. Nesse momento, Borges colocou em evidência o conceito de *mimesis*, para pensar os diferentes problemas acerca da representação do real a partir da literatura. Partindo das definições apresentadas por Auerbach (2011) e por Ricoeur (1994), Borges argumentou que, *mimesis* não se refere a uma mera reprodução da realidade, mas a uma nova realidade que tem outra como ponto de origem. “Usando como exemplo *Germinal*, o livro é uma representação enquanto está representado a sociedade francesa da época de Zola; fora isso, trata-se de uma realidade, um livro específico de um autor específico” (BORGES, 2018, p. 75-76). Uma das preocupações é não associar naturalmente “ficção” como antônimo de “verdade”. Valendo-se do conceito Ricoeur, para quem a síntese do heterogêneo aproximaria a narrativa da metáfora, Borges concluiu que, para Zola, a intenção central não é explicar a sociedade francesa, e sim, descrevê-la, uma vez que, a descrição exata valeria bem mais do que qualquer tipo de explicação (BORGES, 2018, p. 80). Dessa forma, nosso autor coaduna com Ricoeur, no que se refere as seleções tanto na prática historiográfica quanto literária, onde impera o princípio da escolha que, no primeiro caso pauta-se nas fontes enquanto que no segundo os caminhos podem ser diversos.

No segundo capítulo, intitulado *O passado como fonte de explicação*, o objetivo central é compreender quais são as diferentes concepções de tempo presente em Zola, especialmente com relação ao “passado”; intenta-se entender também as diversas redes de sociabilidade intelectual no qual o literato estava inserido, a fim de perceber como se deu o processo de construção do intelectual,

afastando-se de uma concepção de “genialidade” ou “excepcionalidade”. No primeiro momento Borges analisou a trajetória de vida do intelectual francês, sua relação com os contextos sociais e políticos, bem como as diversas interações e interlocuções entre Zola e os demais intelectuais oitocentistas. Entra em cena o panorama cultural, político e social da França do século XIX, especialmente durante o momento de “criação” e “publicação” de *Germinal*. Alguns dos aspectos mais importantes para compreendermos o tipo de literatura esboçada por Zola, diz respeito a “censura” empreendida pelo governo de Napoleão III e ao processo de “profissionalização” da carreira literária, defendida e tão almejada pelo literato francês. Com relação aos estímulos experimentados pelo naturalista, desponta, especialmente, os trabalhos de Hippolyte Taine, de quem Zola seguramente, segundo Borges “[...] extraiu sua concepção de arte a serviço da ciência” (BORGES, 2018, p. 91).

Ainda de acordo com Borges, algumas peculiaridades devem ser observadas no pensamento do naturalista francês, entre elas, sua forte crítica ao protestantismo e sua preferência pelo catolicismo – visto este último como sendo mais propenso ao desenvolvimento das artes. Foi ainda durante o período que antecedeu a publicação de *Germinal* que Zola estreitou suas relações com outros grandes ícones da literatura de sua época, especialmente Édmond de Goucourt, Guy de Mupassant, Alphonse Daudet e Ivan Torgueniev, formando o que ficou conhecido como “grupo dos cinco”. Com relação ao seu grupo de sociabilidade intelectual, destacou-se dos demais ao se afastar da concepção de “arte por arte”, uma vez que, via no campo literário o seu papel social, sem querer com isso, associar seu trabalho como “arte social”, pois ali havia também fortes anseios comerciais (BORGES, 2018, p. 96). Algumas das principais fontes de inspiração para o naturalista francês, assim como o já mencionado Taine, estavam também Michelet, Balzac, Victor Hugo e Stendhal. Para além do campo literário, Borges destacou no pensamento zolista a sua forte interseção com as ideias de Charles Darwin, Claude Bernard, Charles Letourneau e Pierre-Simon Laplace, sobretudo, com relação ao papel da ciência na formação social.

Borges argumentou a partir dos estudos de Pierre Boudieu (2010) e Michel Winock (2006) que, na literatura do século XIX, a cisão entre católicos e ateus, serviu para aprofundar a discussão em torno da ciência, com clara divisão entre favoráveis e críticos ao emergente cientificismo. Porém, a não adesão ao catolicismo, não representaria uma clara adesão a “esquerda”, o que pode ser percebido a partir da trajetória de outros escritores oitocentistas, como, por exemplo, Taine e Renan. Dessa forma, se para Zola o século XIX era científico, a literatura era obrigada também ser, assim como a própria imprensa. É este forte engajamento da literatura na esfera política, as causas últimas das escolhas feitas pelo naturalista francês ao longo de sua produção intelectual, especialmente em sua obra *Germinal*.

Como dissemos, a escolha feita por Zola, em representar o cotidiano dos trabalhadores das minas de carvão, tinha um papel importante, não apenas pelo seu carácter de hibridez, como também por ser a “força” propulsora do sistema produtivo, uma vez que, o carvão era a base energética que alimentava as engrenagens da emergente sociedade industrial, estando os trabalhadores das minas no centro de toda a cadeia de produção (BORGES, 2018, p. 140).

No terceiro capítulo, intitulado *O “passado presente” e o “futuro presente”*, Borges propõe-se a discutir as condições de trabalho nas minas e suas relações com o sistema produtivo francês, bem como, os diversos dilemas enfrentados pelos trabalhadores relacionados com esse campo de produção e suas diversas concepções acerca do futuro dos mesmos. No primeiro momento, o historiador demonstrou as diversas transformações experimentadas pelos habitantes do campo francês entre os anos de 1860 e 1880, com destaque para o êxodo rural e para o aparecimento de uma nova categoria social, o “migrante”, representado em *Germinal* por Étienne – um dos personagens centrais da trama. Entra em cena a longevidade da mina, as contradições de interesses entre patrões e empregados e a divisão social trabalho, sobretudo com relação a especialização das tarefas. De acordo com Borges, tanto a mina quanto as condições de vidas dos trabalhadores, aparecem como “imóveis” frentes às diversas transformações que se processavam no seio da sociedade francesa. Sendo assim, uma das principais conclusões a que é possível chegar a partir da análise dos temas de *Germinal* é de que, além dos trabalhadores, a própria mina pode ser encarada como personagem central do enredo, assumindo muitas vezes características que poderiam ser vistas como exclusivas dos sujeitos que por ali trabalhavam. Com relação a obra em questão, Borges afirmou que, uma das poucas transformações experimentadas pelos trabalhadores das minas refere-se a mudança nas dinâmicas de organização do trabalho, onde o mesmo passa a ser regido não mais pelas “tarefas” e sim pelo “tempo”. Sendo a única transformação explicitamente abordada.

Neste mesmo capítulo, Borges demonstrou como no interior da obra de Zola, aparecem diversas concepções acerca da sociedade de mercado, tendo como representantes os trabalhadores e seus administradores. Uma das principais marcas do pensamento de Zola é apresentar de forma clara as disputas em torno do liberalismo, do socialismo e do anarquismo. Dessa forma, Zola tentou mostrar que tanto o pensamento religioso quanto o revolucionário, “[...] esperam por soluções futuras e utópicas para os problemas do presente” (BORGES, 2018, p. 195). Dito isso, somos levados a crer que, para Zola, a emancipação dos trabalhadores não era impossível, porém, o que ele criticava eram os caminhos adotados para se alcançar esses fins, uma vez que, ele não encara com bons olhos as transformações abruptas, o que pode ser explicado pela ideia de “revolução inacabada”, iniciada durante o processo da Revolução Francesa de 1789 (BORGES, 2018, p. 196).

Por fim, o último capítulo, intitulado *O tempo da ação e o tempo da narração*, Borges propõe-se a discorrer sobre as múltiplas concepções de tempo, corpo e trabalho em *Germinal*, bem como a própria natureza do tempo no interior do romance. Valendo-se dos conceitos de *homo faber* e *animal laborans*, de Hannah Arendt (2004) e de trabalho “industrial” e “pré-industrial” de Edward Thompson (1998), o autor demonstrou as diversas transformações ocorridas na sociedade francesa e que se encontram representadas na narrativa de Zola. A passagem de uma sociedade “pré-industrial” para uma sociedade “industrial” só foi possível a partir das mudanças na organização social do trabalho, se antes o tempo de serviço era organizado a partir das tarefas, esse passou a ser baseado na concepção de horas trabalhadas, ou seja, essa transformação conferiu aos trabalhadores uma maior fragmentação e aceleração da passagem temporal. Além disso, ao longo do romance de Zola, nota-

se que o trabalho está associado a certos condicionantes que levam em consideração o gênero, a idade, o vigor físico e as aptidões. Nesse momento, Borges demonstrou como o tempo do trabalho difere sensivelmente do tempo dos trabalhadores. Além do trabalho na mina, a obra de Zola abunda de exemplos do cotidiano das habitações, das tavernas onde os trabalhadores juntavam-se para se divertirem, bem como das reuniões entre mineiros e familiares. Dessa forma, somos levados a crer que Zola revelou o corpo e o povo, pois, para os literatos “bem-educados”, este último só poderia ser visto de forma suspeita e anônima, enquanto que para o naturalista, o povo “[...] era sensualidade, alegria de viver e generosidade” (BORGES, 2018, p. 217).

Uma das considerações feitas por Borges é de que, além de haver diferentes concepções de tempo em diferentes culturais, é possível que haja diferentes concepções de tempo no interior de uma mesma cultura, o que pode ser encontrado na narrativa de Zola.

Com relação ao marxismo, podemos perceber a enorme ambiguidade em que Zola tratou do tema, especialmente com relação ao “futuro” da classe trabalhadora. Mesmo que o autor possa ser considerado como um dos maiores expoentes do pensamento ‘socialista’, ainda durante o período de expansão da corrente filosófica, sua proximidade com o pensamento de Marx é um tanto quanto questionável. Ainda que no interior de seu romance aparecem as ideias socialistas a partir da trajetória de alguns dos seus personagens, especialmente daqueles envolvidos na produção mineradora, não é possível afirmarmos com exatidão sua sintonia com os pressupostos do socialismo científico.

Entre as diversas conclusões a que chegou Borges, gostaríamos de destacar seu posicionamento quanto ao caráter ontológico do passado. De acordo com o autor, “[...] se pensarmos que é possível nos aproximarmos do passado, tendemos a uma visão mais fluída de tempo, na qual a escrita da história é possível e científica” (BORGES, 2018, p. 236). Além disso, o autor ainda afirmou que, para Zola, “[...] a destruição do ser humano está no fato de o trabalho servir ao capital [...]” (BORGES, 2018, p. 237). Por fim, vemos que, “o século XIX é o século do aumento da velocidade e da reação contra ela” (BORGES, 2018, p. 237).

Uma das maiores riquezas do romance de Rilton Ferreira Borges é pluralizar as diversas concepções de tempo presentes na sociedade francesa de fins do século XIX, especialmente, no que se refere as diversas formas de experiências com relação a passagem temporal entre os trabalhadores das minas, lidas a partir do romance *Germinal*. Seu trabalho, como dissemos inicialmente, é um dos primeiros entre nós a trazer à tona a discussão acerca das múltiplas formas presentes na literatura naturalista de se relacionar com o passado, o presente e o futuro. Além de ser um dos primeiros trabalhos em História, produzido entre nós, que aborda as temporalidades e suas representações. Acreditamos que a obra aqui analisada é de extrema relevância para os pesquisadores e leitores interessados em compreender como o tempo passou de um dado natural para objeto das ciências. O trabalho ainda se insere de forma brilhante na discussão em torno das diferenciações entre prática historiográfica e literária e no que diz respeito a utilização desta última como recurso da primeira. Por fim, gostaríamos de saudar o esforço do historiador em demonstrar as diversas metodologias de análises existentes no campo da História e dizer que esperamos que mais trabalhos como esse possam

surgir, a fim de aquecer o debate em torno do papel da literatura ficcional na representação do real e esclarecer melhor o papel da História e dos historiadores na compreensão do carácter ontológico do passado.

Referências

- ARENDDT, Hannah. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2004.
- AUERBACH, Erich. *Mimesis: A representação da realidade na literatura ocidental*. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte: Gênese e estrutura do campo literário*. 2ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- CHARTIER, Roger. *História cultural: Entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.
- _____. “O mundo como representação”. *Estudos avançados*, São Paulo: USP, v. 11, n. 5, 1991.
- _____. “A História hoje: Dúvidas, desafios, propostas”. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 13, 1994, p. 97-113.
- _____. *A ordem dos livros: Leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Brasília: Editora UnB, 1999.
- _____. “Debate Literatura e História”. *Revista Topoi*. Rio de Janeiro, n. 1, 2000, p. 197-215.
- _____. *A História ou a leitura do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2010.
- DARTON, Robert. “O que é a História do livro?”. In.: *ArtCultura: Revista de História, Cultura e Arte*, Uberlândia, v. 10, n. 16, 2008, p. 155-169.
- _____. *O beijo de Lamourette: Mídia, cultura e revolução*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- ELIAS, Norbert. *Sobre o tempo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. Campinas: Papyrus, 1994.
- THOMPSON, E. P. “Tempo, disciplina do trabalho e capitalismo industrial”. In.: *Costumes em comum – Estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Cia das Letras, 1998.
- WHITE, Hayden. “Teoria literária e escrita da História”. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 7, n. 13, 1991, p. 21-48.
- _____. *Meta-História: A imaginação histórica do século XIX*. Trad. José Laurênio de Melo. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1995.
- WINOCK, Michel. *As vozes da liberdade: Os escritores engajados do século XIX*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.
- ZOLA, Émile. *Germinal*. São Paulo: Cia das Letras, 2004.

Notas:

- ¹ BORGES, Rilton Ferreira. *Zola e as percepções do tempo: Naturalismo e história em Germinal*. São Paulo: Alameda, 2018.
- ² Professor voluntário do Pré-vestibular comunitário do PET/Biotecnologia da Universidade Federal da Bahia - campus Vitória da Conquista. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-2987-2924> Email: raickdjs@hotmail.com